

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Boletim Social da TEBE

envia o seu cartão de agradecimentos a todos que, amavelmente, endereçaram cumprimentos de BOAS FESTAS.

Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}

TEBE

apresenta os melhores agradecimentos a todas as pessoas que apresentaram cumprimentos de BOAS FESTAS.

○ MUNDO católico festejou alegremente mais um aniversário de Jesus Cristo.

Foi há 1958 que um menino, pleno de graças divinas, nasceu na gruta humilde de Belém. O seu nascimento humilde não O privou de ser o Redemptor e o Rei dos Reis.

Ele, o Filho de Deus, o exopente altíssimo que irradiou verdade e amor, quis mostrar aos homens poderosos que a vida para ser vivida tem, naturalmente, de ser de amor e de justiça.

O seu verbo, a sua eloquente palavra, enfim, a sua mensagem era, é, e será sempre, a voz da Verdade, do amor, do perdão e da justiça, porque era a voz de Deus.

E foi a sua mensagem, sublime de ideias e conceitos, que revolucionou todo o orbe pagânico.

Os Césares não podiam compreender a doutrina do Redemptor, porque a religião deles, ébria de materialismo pagão, não renunciaria aos seus caprichos e aos seus vícios.

Ontem, como hoje, o paganism desenfreado duns tantos, embalados por montanhas de ouro e de vaidade, continua a fazer doutrina agitando e atormentando consciências bem formadas.

Ele que repudiou a mentira, que escorraçou os vendilhões do templo e prêgou a justiça, não poderia suportar a hipocrisia dum época conturbada de materialismo e luxúria.

Pois é esse menino, aureolado do Alto, que vem prêgar

O NATAL

Por ANTÓNIO BAPTISTA

a sua doutrina, a única que perdurou através dos séculos ensinando aos homens o caminho da libertação total.

Nesta hora, em que a ciência caminha a passos de gigante, devemos reconciliar-nos com as nossas convicções mais puras e prometermos seguir as máximas d'Aquele que consolou os aflitos, curou os doentes e foi o refrigério de tanta dor e de tanta injustiça.

A vida passa depressa, e só as boas acções contarão como pétalas augustas, lembrando círios votivos em eterna incadescência.

O homem nasceu livre; mas

infelizmente, por toda a parte se abrem trincheiras, se encontram precipícios, se desvendam ciladas, tornando-o acorrentado a um mundo de preocupações porque não encontra verdadeira justiça social.

Um conselho amigo, uma discreta esmola, uma palavra consoladora, bastariam, tantas vezes, para transformar uma alma amargurada numa alma radiante de esperança.

E a esperança, semelhante a estrela intocada, é o refúgio dos que vagueiam, perdidos e descontrados, na imensa vastidão da vida... Quantos, desiludidos totalmente dos ho-

mens e do mundo, encontram linitivo no Infinito, no Alto, em Deus.

As angústias mais alucinantes, as dores mais insuportáveis, os desesperos mais atrozes, encontram, por vezes, a réstia de esperança na crença e no amor de Deus.

Porque a esperança é a poesia da dor, e Deus sofreu a dor inteira da injustiça colectiva. Grande no seu suportar, imenso no seu sofrimento, e eternamente poderoso no mitigar das dores dos que chorem, dos que padecem, Ele será sempre o último refrigério.

Camilo traduzindo a esperança chama-lhe filha dos céus! eterno cântico dos anjos! Não podia ele melhor retratar esta palavra...

Saibamos todos, portanto, esperar em Deus, porque dos homens arredados da fé, pouco se pode esperar.

OS CÓDICES DA BIBLIOTECA DE BRAGA

A biblioteca de Braga é uma das mais preciosas do País na parte referente ao número de Manuscritos que ali encerra desde os meados do século XVI.

O valor substancial desses manuscritos provém, sem dúvida, da pena dos Beneditinos e Jesuítas.

O número excepcional desses manuscritos é consequência da

(Continua na página 8)

Os pensamentos do mês

DA FORÇA À INJUSTIÇA NÃO DISTA MAIS DO QUE UM PASSO.

DE THEIS

O HOMEM É FELIZ OU INFELIZ POR UMA MULTIDÃO DE COISAS QUE SE NÃO VÊEM, QUE SE NÃO DIZEM E QUE SE NÃO PODEM DIZER.

CHAMFORT

Foi criado o Sindicato N. dos Empregados de Garagens e Oficinas Correlativos do Distrito de Braga

Por alvará de 7 do passado mês de Dezembro, foram aprovados os estatutos do Sindicato Nacional dos Empregados de Garagens e Oficinas Correlativos do Distrito de Braga, que terá a sua sede nesta cidade.

O novo Sindicato é constituído pelos trabalhadores dos estabelecimentos de recolha, exposição, venda e tratamento de automóveis e que empregam a sua actividade como lavadores, limpadores, tratadores e lubrificadores de automóveis, bem como os encarregados, os ajudantes e os aprendizes.

Dos officios correlativos abrange os guardas e os serventes dos estabelecimentos de automóveis, os fiscais, os expedidores, os despachantes, os bilheteiros, os cobradores, os ajudantes de motorista de veículos de carga e de serviço colectivo de passageiros, os empregados dos postos abastecedores de carburantes e lubrificantes, os reparadores, montadores de pneus e seus ajudantes.

Estes profissionais foram até agora representados pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Garagens e Oficinas Correlativos do Distrito do Porto.

Com este novo organismo o número de Sindicatos e de secções sindicais do distrito ascende a 35 e o número total de organismos corporativos (Grémios, Sindicatos e Casas do Povo) a 142. Este conjunto de organismos dá um lugar de muito relevo à organização corporativa do distrito de Braga e espelha a variedade das suas actividades essenciais.

Falam velhos manuscritos

Gaspar Pinto Correia fez-se Jesuíta em 1610 e foi professor de Letras em Coimbra e de Filosofia em Braga, desligando-se da Companhia de Jesus em 1630. Faleceu a 25 de Março de 1664 e foi sepultado na Ermida de S. Bento de Barcelos, por ele fundada.

Escreveu e publicou alguns trabalhos sobre clássicos latinos. (Pág. 43 de Inéditos de Filosofia, de Manuel G. da Costa).

Compendium totius Phæ nalis, traditum Bracharæ a sapientissimo Gaspar Pinto, anno 1628 (ff. 155 ss.).

Miscelânea

Uma quadra:

*A gente não sabe
Avaliar quanto vale
Um affecto que só cabe
Num coração maternal.*

Mantegazza fala assim dos médicos:

«É muito maior o mal que pode fazer um médico ignorante, do que o bem que pode fazer um médico sabedor».

Talvez não saiba que:

a) Estalagmite provém do grego stalagmós.

b) Em 1935 nas obras no «Quartel de Caçadores 5, de Chaves, apareceram várias lápides latinas que Júlio Gomes, diligentemente, fez recolher no Museu Regional de Chaves.

Uma delas referia-se a um Reburus Viriatir interamicis».

D. Maria Matilde de Faria

Com o belo artigo «Nobres exemplos de mulher» começa hoje a honrar as colunas deste modesto jornal esta distinta Senhora a quem agradecemos a sua valiosa e gentil colaboração.

João Macedo Correia

A cerâmica de Barcelos encontra em João Macedo Correia o seu verdadeiro cultor.

Por estas razões, a colaboração, neste jornal, de João Macedo Correia muito vem enriquecer este mensário.

Jornal de Barcelos

«Boletim Social da TEBE» apresenta cumprimentos a «Jornal de Barcelos» na passagem de mais um aniversário.

O ciclo do Natal em Barcelos

É costume, em Barcelos, os janeiros formarem-se em grupos e, com seus instrumentos de música (ferrinhos, pandeiros, etc.), irem seguindo em procissão a dar as boas festas, para receberem, depois, comestíveis ou dinheiro.

É uma tradição que perdura como imperativo comum da nossa gente simples.

Na Beira, ao cantarem as janeiras, os vários versos levam sempre o nome dos donos das casas a quem são dirigidos.

Henrique Pousão

Por JOAQUIM LOPES

O pintor, a quem a «Revista do Norte» hoje presta homenagem, fez parte do admirável conjunto das grandes figuras da arte portuguesa, da segunda metade do século XIX.

Nascido em Vila Viçosa — Alto Alentejo — num recanto minhoto da antiga Vila de Barcelos, passou longos meses da sua juventude. Dedicando-se mais aos estudos — particularmente ao desenho — do que aos divertimentos próprios da sua idade, feliz e descuidada, depois de terminado o curso na antiga Academia Portuguesa de Belas Artes, partiu para Paris, donde não demorou em seguir para Itália.

Nesse ritmo de trabalho, sereno e constante, se manteve o invulgar artista, que veio a falecer em plena mocidade, quando muitíssimo havia ainda a esperar do seu extraordinário talento.

Pousão veio ao mundo numa grande época da vida intelectual e artística do nosso País. Depois do período áureo das descobertas em que não nos faltou o quase milagroso aparecimento de Nuno Gonçalves e Vasco Fernandes, outros vieram com a sua arte magnífica proclamar os mais elevados ciclos da pintura europeia. Na realidade, à parte alguns valores do século XVII, à centúria do mil e oitocentos pertence a honra do rejuvenescimento das artes em Portugal.

Essa benéfica posição, embora auspiciosamente iniciada em fins da era de setecentos, veio a consolidar-se e robustecer-se algumas dezenas de anos depois.

Por certo que, se ao próprio génio da raça ficamos devendo tão singular aparecimento de valores, também não devem ser esquecidas razões distantes dos que primeiramente aqui foram citados.

Foi uma espécie rara de originais mensageiros a anunciar princípios estéticos que os vindouros só lucrariam em receber como padrões maiores de estrutural beleza. Dessas admiráveis raízes nos vieram o genial Domingos Sequeira e o grande Vieira Portuense, este, porventura, o pintor português, cujos destinos mais se aproximavam de Pousão. Com efeito, ele não só não se distanciou do génio precoce do autor do quadro «Santa Margarida de Crotona em artigo de Morte», que, na chamada igreja nova de S. Francisco, do Porto, religiosamente se guarda, mas ainda, como ele, a sua débil compleição física não permitia que a duração da sua existência se prolongasse para além da idade em que outros singulares valores se iniciam.

Vieira Portuense, terminada a sua aprendizagem em Itália, Inglaterra e França, por na primeira destas nações justamente ter conquistado categorizada posição de mestre de aristocráticas famílias, regressou a Portugal onde, sem detença, conseguiu ser oficialmente nomeado professor da Real Academia da Marinha e Comércio. Por infelicidade, pouca demora teve o pintor insigne na cátedra que lhe haviam destinado, pois incurável doença levou os clínicos de então a aconselhá-lo a demorado repouso na Ilha da Madeira, para onde imediatamente seguiu.

Também Henrique Pousão, por conselho de especializado tuberculologista parisiense, se refugiou no Sul de Itália: Roma e Nápoles, a fim de ali encontrar definitivamente cura.

Ainda neste passo nós encontramos relativa convergência entre os dois jovens pintores, pois se o primeiro cuidou e procurou encontrar alívio dos seus padecimentos numa das nossas ilhas atlânticas, foi o segundo refugiar-se no clima mais ou menos temperado das proximidades do Mediterrâneo.

Não menos para considerar o facto de o Destino, em idade juvenil, pela força das circunstâncias, o ter conduzido para a barcelense região nortenha.

Efectivamente, a chamada Princesa do Cávado, desde séculos distantes tem ligados à sua história nomes e obras de poetas de alto valor. O primeiro, um dos maiores, se não o maior de que há notícia, nasceu no século XIII, em Guilhade, ou na forma primitiva, Guilhada, não muito longe da casa que Henrique Pousão habitou, pois a sua pequenina aldeia fica entre Barcelos e Faria. Chamava-se João Garcia de Guilhade e foi grande trovador do seu tempo. O nome do Poeta e os versos que escreveu aparecem honrosamente citados pelo ilustre filólogo e crítico José Joaquim Nunes, como um dos primeiros ao lado de D. Dinis, nos medievos cancioneros galaico-portugueses.

Seis séculos decorridos, já em plena centúria de oitocentos, outros poetas, na cidade barcelense nasceram e viveram. O próprio pai de Henrique Pousão naquela privilegiada zona chegou a dedilhar a sua lira romântica.

(De Revista do Norte)

(Continua no próximo número)

Nobres exemplos de Mulher

Por MARIA MATILDE

HÁ vidas maravilhosamente belas! Vidas que se quisessem olhá-las com olhos de «ver», de verdade nos ajudariam, — pelas lições sem palavras que legaram aos vindouros — a elevar as nossas, humildes, pequeninas, a regiões mais belas...

Era uma vez... Chamava-se Maria, e nasceu na Polónia, em Varsóvia mesmo, há muitos anos já, ainda no século passado. Foi uma menina que cedo revelou excepcionais qualidades de inteligência e amor ao estudo. Seu pai, sobretudo, muito contribuiu para lhas desenvolver, e nada a desanimava: nem dificuldades financeiras que a família atravessava, nem preocupações políticas — a Polónia foi, desde sempre uma nação mártir, mas dum corajoso patriotismo, muitas vezes levado ao heroísmo — e na juventude de Maria negras nuvens tolhiam ameaçadoramente o céu polaco.

Aos 18 anos um sonho a dominava: estudar em Paris! Paris, capital da França e, nessa altura quase se poderia dizer: do mundo, — pelo menos no campo intelectual e artístico — era um verdadeiro imã que atraía todos os talentos.

Com uma tenacidade, que foi a nota dominante do seu carácter, demoveu todas — e muitas foram — as dificuldades, e ei-la instalada num miserável quatinho de aluguer, alimentando-se sabe Deus como, mas feliz entre as aulas e os seus queridos livros de matemática e física.

Entre os veneráveis professores da Sorbonne — a grande universidade francesa, — havia um; jovem ainda, que começou a notar a gentil polaca, sobretudo pela austeridade da sua vida, e pela honestidade dos seus estudos.

Não tardou a desenrolar-se um idílio, e algum tempo depois, Pierre e Maria casavam, felizes e enamorados, cimentando-lhes o amor, uma real afinidade de espíritos. E por isso, depois dum mês de romântica lua de mel, passada a pedalar, cada um na sua bicicleta, pelas belas estradas de França, voltaram — agora juntos — à vida anterior de estudo intenso e profundo.

Nada mais os interessava, e camaradas que por vezes os visitavam, deparavam com o jovem casal mergulhado em livros, cadernos, experiências, etc., sem a mais pequena preocupação de conforto, comodidade ou distrações.

Tornou-se então Maria uma dedicada colaboradora do marido — dois talentos orientados na mesma direcção! Nada alterou esse ideal — nem as aulas do professor, nem o nascimento de duas

filhas: Irene primeiro, e Eva mais tarde.

Assim, ao fim de alguns anos dum trabalho árduo, extenuante, de lutas e insucessos ignorados, realizado em péssimas condições — num barracão frio e húmido, — graças a uma tenacidade e espírito de sacrifício invulgares, conseguiram descobrir a existência e obter o célebre rádio, que tantas vidas tem salvo desde então. Foi-lhes concedido por isso o maior galardão conhecido: o prémio Nobel — simbolizado numa linda medalha que... tempos depois a pequena Irene se divertia a fazer rolar pela casa fora... Tal era o desprendimento de ambos por tudo o que representasse honrarias!

Infelizmente a felicidade não durou muito. Um dia em que acabava de comprar um presente para sua mulher, ao atravessar uma rua, Pierre, profundamente distraído, foi mortalmente atropelado!

Corajosa como sempre, Maria, de coração a sangrar, continuou na solidão o trabalho dos dois.

Aconteceu então algo de extraordinário: tendo sido feita justiça ao seu talento, foi convidada a ocupar o lugar do marido. E pela primeira vez, numa história de séculos, uma mulher tomou assento entre os professores da Sorbonne!

A lição de abertura foi memorável: no anfiteatro imenso, completamente cheio de alunos e professores — estavam presentes as melhores cabeças de França — num silêncio impressionante, a delicada figura mais frágil ainda no rigoroso luto, Maria começou, numa voz clara e distinta, sem mais preâmbulos, a lição precisamente no ponto em que Pierre a tinha deixado...

Mas não se limitou a vida desta extraordinária Mulher a abrir às mulheres as portas da Sorbonne, nem a cooperar no descobrimento do rádio. Quando a I Grande Guerra — de 1914-1918 — abriu campo a tanta experiência científica, ela, quer no recolhimento do seu laboratório, quer percorrendo os hospitais de sangue, tirou da descoberta tal proveito, que é impossível saber quantas e quantas vidas salvas, e quantas e quantas dores aliviadas se lhe devem!

O génio é um dom de Deus — nasce com as pessoas. Por isso, muito mais do que o génio, o exemplo de persistência, tenacidade, amor ao trabalho, abnegação, espírito de sacrifício são lição maravilhosa para todas — seja qual for o género de vida — legado por essa Senhora admirável, conhecida em todo o mundo pela «MADAME CURIE».

QUE É FEITO DO CINEMA PORTUGUÊS?

A cada passo ouvimos a pergunta: «Que foi feito do cinema Português?»

Dia a dia se generaliza mais a admiração e o espanto pelo triste fim da produção cinematográfica portuguesa. Essa admiração e esse espanto são legítimos, mesmo para aqueles que, como nós, previram há muito o fracasso do filme nacional.

Sómente, ninguém esperaria que a agonia fosse tão rápida e espectacular. Em poucos anos, a crise agravou-se e sobreveio a morte. Morte provisória e relativa, claro — passe o paradoxo — mas morte inevitável. O mal via-se à distância, mas não era possível imaginar que o desenlace fosse tão rápido e fulminante.

Morreu o cinema português!

Mas, parafraseando a velha frase tão sabida, diremos: «O cinema nacional está morto, viva o cinema português!». Morreu o cinema velho, desprestigiado pelo uso e abuso das espertezas saloias. Necessário é, agora, erguer o cinema novo, vivificado pelo sopro humano dos artistas sinceros.

O cinema dos «tiros», dos compadres e afilhados, o cinema revisiteiro dos oportunistas já deu as suas provas. Que isso ao menos sirva de lição para o futuro...

Outra pergunta natural, surge depois: como foi possível finar-se, assim, completamente, a produção cinematográfica portuguesa?

Muitas e variadas circunstâncias para isso contribuíram. Mas não deixa de espantar que isso acontecesse poucos anos depois de uma lei que visava, precisamente, o auxílio ao filme português. Ao criar-se o fundo do cinema nacional, dizia António Ferro que se desiludissem os pessimistas: o Fundo não se destinava a afundar o cinema nacional, mas, pelo contrário, a insuflar-lhe vida e possibilidade de progresso.

Sem dúvida que esse era o in-

tuito da lei: auxiliar a produção cinematográfica portuguesa. Porém, os factos vieram demonstrar, infelizmente, que os pessimistas tinham razão.

As intenções eram boas, mas os resultados foram maus. Não se estimulou a produção de filmes de bom nível técnico e artístico, não se auxiliou a revelação de reais valores, a formação de profissionais conscientes e dedicados. Como regra, fez-se o contrário.

E isso foi um erro fatal. Prolongou-se a sobrevivência duma produção de baixo nível artístico, um chamado «cinema comercial» que nem essa característica já possuía.

Resultado: quando se deu pelo equívoco, era tarde. Nem tínhamos criado novos quadros de técnicos, nem estimulado a aparição de novos artistas, nem enriquecido a nossa história cinematográfica com obras de valor ou, ao menos, com ambições de arte.

E o próprio «cinema comercial» — desapoiado já do auxílio oficial e dos favores do público, farto de banalidades e de mediocridades — não pode sobreviver para além de dois ou três fracassos financeiros.

Desactualizado, quer na aparelhagem, quer na técnica, quer nos temas, o cinema português já não correspondia a um mínimo de exigência legítima do público.

Há ainda, certamente, um problema de pessoas a considerar. Mas o que urge, para já, é retomar o problema em novas bases e criar um cinema português novo, vivo, actual, que corresponda às exigências do público de hoje.

Nada de ambições desmedidas, fora das nossas possibilidades. Recomece-se, naturalmente, do princípio, mas com a consciência de que hoje o cinema não é uma aventura, uma habilidade ou um acaso de lotaria. É, sim, uma actividade muito séria e comple-

(Continua na página 7)

O Plano de Formação Social e Corporativa nos Distritos de Castelo Branco, Bragança e Évora

As Comissões Distritais da Junta da Acção Social dos Distritos de Castelo Branco-Covilhã, Bragança e Évora apresentaram à aprovação de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social e Presidente da Junta de Acção Social, os seus programas de actividades para o ano de 1958, integrados na execução do Plano de Formação Social e Corporativa naqueles distritos, que tem por finalidade difundir e fortalecer o espírito corporativo e a consciência dos deveres de cooperação social.

Destes programas de actividades fazem parte, entre outros, as seguintes rubricas:

— Publicação de um jornal corporativo e organização de páginas de doutrinação corporativa nos jornais locais;

— Divulgação dos diversos aspectos da doutrina e regime corporativos e problemas sociais por meio de palestras e conferências a proferir nas sedes dos estabelecimentos de ensino, organismos corporativos, Legião Portuguesa e salas de espectáculos com a colaboração do cinema e da rádio, destinadas a todas as camadas sociais;

— Criação de gabinetes de leitura itinerantes e outros a instalar nas sedes dos organismos corporativos, dotadas de livros e publicações de cultura geral, técnica, profissional e corporativa;

— Instituição de prémios a atribuir a alunos do ensino liceal e das escolas técnicas que se distingam no estudo da disciplina de formação corporativa que será dada naqueles estabelecimentos por meio de palestras e outras formas de divulgação.

Na realização destes programas que mereceram a aprovação do Sr. Ministro das Corporações, colaborarão além das individualidades que fazem parte das citadas Comissões Distritais da Junta da Acção Social, outras entidades qualificadas nos diferentes distritos.



Dirigida por Waldemar Esteves

Táticas

Por F. RANITO

POIS hoje vamos dar uma volta pela tática. Mas, o melhor será avisar os nossos leitores: não se assustem que prometemos empregar termos que não tornem necessária a colaboração dum dicionário técnico, nem tão pouco usar daquelas imagens geométricas em que estas coisas de desporto costumam ser pródigas, e que na maior parte das vezes parecem feitas apenas para pôr à prova o poder de imaginação dos mais leigos...

E dito isto vamos assumir o ar mais intelectual que nos for possível, e eis-nos direitos ao assunto.

O hoquei em patins não nasceu já envolvido nestas questões táticas e, como é lógico, só com o correr dos anos é que elas foram aparecendo. Mas isso acontece com toda a "gente"... Nós próprios não viemos a este mundo já vestidos. Só depois, mãos estranhas, *mãos que se interessam por nós*, nos envolvem em vestidos confeccionados por elas, vestidos esses que se irão modificando com a evolução física que sofremos. E não é verdade que, mais tarde essas vestimentas variam ainda segundo a personalidade de cada um?

Aproveitamos esta imagem para dar a compreender o que se passa no campo desportivo. Na verdade as táticas vêm bastante depois do nascimento de cada modalidade, trazidas por *mãos que se interessam pelo seu progresso*, para mais tarde evoluírem, no sentido duma adaptação mais perfeita à sua personalidade.

Sim, porque, por exemplo, o hoquei em patins também tem a sua personalidade. Mas isso não interessa para já.

Quando o hoquei chegou até nós, ainda era um desporto sem uma personalidade devidamente estruturada, valendo ainda mais a habilidade de cada praticante do que o jogo de conjunto. Era assim uma coisa como uma orquestra constituída por óptimos executantes, mas em que cada um toca para seu lado...

E para não fugirmos à verdade, sempre vamos dizendo, doa a quem doer, que no nosso País só há bem pouco tempo se começou a ver que a técnica, só, não chega. O nosso hoquei tem vivido apoiado na classe excepcional dos seus intérpretes, e uma equipa como já demonstramos anteriormente, não deve erguer-se sobre a técnica individual sob pena de falhar sempre que a sua unidade base falhe também.

Tem-se apregoado muito—demais, até—que a nossa tática de jogo é, em comparação com o quadrado italiano, o triângulo... português. Engano, puro e simples... O tal triângulo, que data do apa-

Saudação

*N*O recomeço de mais um ano, saudamos, deste modesto cantinho de imprensa, todos os desportistas em especial e aos que ao hoquei patinado dedicam a sua afeição em particular.

Não esquecemos também todos os dirigentes e técnicos, desejando sinceramente que 1958 lhes traga as maiores venturas, a Bem do Desporto e do Hoquei em patins Nacional.

recimento do trio do Benfica e hoje da selecção nacional, Cruzeiro, Lisboa e Perdígão, não é, mesmo que nos queiram contradizer, uma tática de jogo, mas sim um sistema de jogo. Ora, dirão muitos, isso de táticas e sistemas é a mesma coisa! Desculpe, estimado leitor, mas não é. A tática será o resultado do raciocínio humano posto ao serviço do desporto e um sistema, ainda que pareça que não, é precisamente o contrário: o desporto ao serviço do raciocínio do homem.

Nós explicamos melhor: no primeiro caso, na tática, imagina-se um esquema de jogo e transplanta-se-o para a prática, e no segundo, esse esquema, embora muitas vezes repetido por dada equipa, nasce quase sempre duma inspiração instintiva dos executantes. Diferença fundamental, portanto: um grupo que joga à base de táticas tem no fundamento de toda a sua produção de jogo, o raciocínio, e um que siga um sistema de jogo apoia-se na sempre falível inspiração de momento.

É evidente, que com isto não estamos a criticar o trio do Benfica ou a sua maneira de jogar, pois isso, além de outras coisas, seria ingratidão pelas vitórias que ele tem conseguido para Portugal; agora o que queremos é afirmar que trios como aquele, deve aparecer um em cada geração e o desta já apareceu... E note-se até que esse sistema do triângulo, para se tornar produtivo, necessita de jogadores de classe muito acima da mediana. Cremos que isto diz tudo. Mas não é só esse o óbice; além dessa classe extra, é necessária uma noção de conjunto, e de conhecimento entre os praticantes, difícil de conseguir. E com isto, fazemos o maior elogio a Cruzeiro, Lisboa e Perdígão, como jogadores de hoquei em patins.

Quer dizer, o hoquei em patins português encontra-se na mesma situação duma mina, em que os seus exploradores, ou por incompetência ou por preguiça, não constroem galerias de exploração, limitando-se

Cabral, guarda-redes do Boavista, fala para o nosso «Boletim»

ENTRE os componentes da equipa de hoquei em patins do Boavista, o guarda-redes Cabral, tem sido uma das figuras mais destacadas.

Começou no Clube do Bessa, que ainda hoje defende, tinha 16 anos, evidenciando excelentes qualidades para o difícil lugar que ocupa.

A circunstância de ainda há pouco tempo ter jogado entre nós, levou-nos a solicitar esta entrevista. Posto ao corrente dos nossos desejos, amavelmente acedeu, respondendo à primeira pergunta que disparamos:

— Emídio Pinto é o atleta que eu desejaria imitar.

— Se não fosse jogador de hoquei, que modalidade gostaria de praticar?

— Tênis, respondeu o nosso entrevistado, que nos confidenciou ser o jogo Boavista-Centro Universitário, ganho pelos axadrezados por 7-4, a melhor recordação da sua curta carreira.

— Como formaria o 5 luso, se fosse seleccionador?

— Moreira, Souto, J. Andrade, Velasco e Bouçós, Matos, Edgar e Virgílio.

O facto de ter defrontado o Clube D. da TEBE para o campeonato de Portugal, levou-nos a inquirir, qual a sua opinião sobre o clube de Barcelos:

— Um bom conjunto, respondeu-nos, impressionando-me agradavelmente o guarda-redes Arantes.

— A sua maior ambição?

— Ser campeão Regional da 1.ª Divisão

a apanhar o minério que se encontra à superfície. E porquê? Porque o filão é tão rico que até assim, sem trabalho, se consegue o que os outros nem com trabalho conseguem... E é pena; o hoquei nacional, assim, vai por mau caminho. Mas, dir-nos-ão, então somos campeões do mundo por acaso e sem merecimento? Não estimado leitor, não é por acaso nem sem merecimento; apenas há um facto a considerar: por quanto tempo poderemos ainda, e em face dos progressos técnico-táticos dos outros países, aguentar essa concorrência desigual? Só enquanto o aparecimento de jogadores extraordinários "justificar" o desinteresse dos nossos técnicos por estas coisas.

E essa confiança ilimitada no futuro, será a melhor solução, ou poder-se-á mesmo considerar solução?

A esta pergunta nem vale a pena responder; cada um que o faça para si...

N. R. — Esta crónica já foi lida há bastante tempo aos microfones do R. C. Português, estando portanto um pouco desactualizada, devido à modificação feita na Selecção Nacional.

Pesca Desportiva no CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

A projecção desportiva de um país, não está, embora erradamente se pense o contrário, no título conquistado em certa modalidade, mas sim na variada actividade atlética que os seus componentes contactam com a dos outros países.

Que interesse Desportivo poderá ter uma nação, que sendo campeã, por exemplo, em futebol, limita aí a sua actividade?

O mesmo se dá com as colectividades. A grandeza não está nos loiros conquistados nem nos bens patrimoniais, mas sim na sua expansão através das mais variadas modalidades. Que orgulho não terá um Clube e seus aficionados que, numa só tarde, seus atletas se exibam em futebol, oquei, ciclismo, ginástica, andebol, etc., em diversas localidades? Que importam, classificações modestas que se obtinham, comparadas com os frutos tirados de tal demonstração de ecletismo?

É certo que, dadas as precárias condições financeiras da maioria das agremiações, estas apenas se dedicam a uma só modalidade; mas certo é também que os dirigentes, com espírito de sacrifício e boa vontade, poderiam abalançar-se na criação de outras.

Vem isto a propósito da Pesca Desportiva. Barcelos tem um grupo de aficionados do interessante desporto que é a pesca, inscritos em clubes de fora. O Boavista por exemplo, tem alcançado excelentes classificações, cujo mérito pertence aos componentes da nossa terra. Nenhum clube Barcelense se interessou na fundação de uma secção de Pesca? Falta de fundos? Houvesse boas vontades e tal atrito não existiria.

O C. D. da TEBE, já principiou com as "demarches" para apresentar na próxima época, uma equipa de Pesca.

A tal iniciativa, os nossos maiores elogios.

A. Luis

As Malhas

TEBE

não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto

e internacional, foi a resposta deste jovem estudante, que nas horas livres pratica hoquei em patins.

Jone & Tone

No próximo número «Ídolos do Desporto» apresenta Nolito, do Gil Vicente Futebol Clube.

FUTEBOL Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria do Céu Lamela Costa.

DIA 2 — Rosa Pereira Vale.

DIA 3 — José Pereira Cardoso, Maria da Conceição Leite Pinto e Maria Rosa da Silva Lomba.

DIA 4 — Abílio Vilas Boas Cunha.

DIA 6 — Fernanda da Conceição Magalhães Leite, Maria Cecília Lopes Machado, José Ferreira Ribeiro, Rosa Alves da Silva e Maria Assunção Marques Coutinho.

DIA 8 — Maria da Conceição Monteiro e Maria Teresa Miranda Pinto.

DIA 9 — Rosa Pereira Lopes.

DIA 10 — Maria Angelina de Jesus Vilas Boas, Maria Cândida A. de Oliveira e Francisco Alves Costa.

DIA 12 — Teresa de Jesus Magalhães Leite, Alberto Miranda da Cunha e Maria dos Prazeres Sousa Silva.

DIA 13 — Maria de Fátima Martins Vieira, Maria Noémia Santos Esteves, Maria Emília Leite Vilar e Maria Lúcia Pereira Ballester Crespo.

DIA 14 — Maria Isabel Paixão Amaral.

DIA 15 — Acácio Torres Carvalho, Francisca Sameiro Carvalho Costa e Manuel Pereira.

DIA 16 — Ana Celeste Pereira Rodrigues, Ana Ribeiro e Maria Duarte Lemos.

DIA 17 — Emília de Jesus, Rosa Maria Queirós dos Santos, António Costa e Paulo Gonçalves Rocha.

DIA 18 — Júlia das Dores da Silva e Marta da Graça das Dores Ribeiro.

DIA 19 — Maria do Carmo Moreira Gonçalves.

DIA 20 — Fernando Couto Ribeiro, Teresa Gomes Ribeiro e Maria Carolina Ferreira Lima.

DIA 21 — Alzira Cruz Araújo e Maria Correia Costa.

DIA 22 — Maria Gracinda Serra, Angelino Miranda Sousa, Gualdino Fernandes Azevedo e Paulo Barbosa Azevedo.

DIA 23 — Emília Araújo Figueiredo, Emília Barros de Jesus Moreira e Idalina Valada Moreira.

DIA 24 — Mário Miguel Pimenta Lopes e Francisco Costa Pereira.

DIA 25 — Leonel Godinho Meira, Adelina Lopes da Silva, Maria da Assunção Ferreira, Engrácia de Jesus Gomes Monteiro, Maria do Nascimento Silva G. Costa, Prazeres Correia da Costa, António Martins Moreira e Francisco Isolino Amaral Arantes.

DIA 26 — Maria da Conceição Sousa Figueiredo.

DIA 27 — Delfina Ramos Vieira, Maria da Graça Gonçalves Terroso, Maria Domingues Abreu.

DIA 28 — José Maria da Silva Teixeira, Maria Antonieta Dantas Correia, José Miranda Gomes e Cândida Pereira da Silva.

DIA 29 — Angelina Gomes dos Santos.

DIA 30 — Maria Angelina Queirós de Araújo e Júlia dos Prazeres Barbosa Teixeira.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

O Plano de Formação Social e Corporativa em Setúbal

Celebrou a 1.^a Reunião de Trabalhos da Comissão Distrital da Junta da Acção Social do Distrito de Setúbal, a que presidiu, na qualidade de Presidente, o Delegado do I. N. T. P. e em que tomaram parte personalidades representativas do Governo Civil e autarquias administrativas, dos organismos corporativos, ensino, União Nacional, Legião e Mocidade Portuguesa e imprensa local, tendo sido debatidos problemas inerentes à execução do Plano de Formação Social e Corporativa naquele Distrito.

materialismo, a Bem do Desporto, da Educação e da Cultura Física em geral.

W. E.

No próximo número «Hoquei em Patins».

Posse da Comissão Distrital de Portalegre da Junta da Acção Social

Realizou-se no passado dia 11 do corrente, na sede da Delegação do I. N. T. P. em Portalegre, o acto de posse da Comissão Distrital da Junta de Acção Social, integrada no Plano de Formação Social e Corporativa.

Presidiu à cerimónia do empossamento o Snr. Dr. Luís Anselmo, Delegado do I. N. T. P. naquele distrito.

Após o acto foram produzidas referências enaltecendo o significado e a importância da Lei 2.085, que criou o Plano de Formação Social e Corporativa que tem por objectivo difundir e fortalecer o espírito corporativo e a consciência dos deveres de cooperação social e foi feita justa homenagem à insigne figura de estadista de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social.

Comissão Distrital da Junta da Acção Social do Plano de Formação Social e Corporativa no Distrito de Coimbra

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, foi nomeada a Comissão para execução do Plano de Formação Social e Corporativa no distrito de Coimbra, em cumprimento do disposto na Base VIII da Lei n.º 2.085.

Tem esta Comissão por fim executar, naquele distrito, as deliberações da Junta da Acção Social encontrando-se directamente ligada aos trabalhos já em curso e a desenvolver pelo Plano de Formação Social e Corporativa em todo o País.

Desnecessário se torna, portanto, salientar o amplo significado e o interesse que reveste a constituição e nomeação desta comissão que ficou formada pelas seguintes individualidades:

Dr. João Manuel Nogueira Jordão Cortes Pinto, Delegado do I. N. T. P.

Padre Eugénio Martins, representante do Clero;

Dr. Joaquim de Oliveira Lirio, representante do Governo Civil de Coimbra;

Dr. Augusto Simões, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Poaires, como representante das Câmaras Municipais;

Dr. José dos Santos Bessa, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional; Doutor Eugénio Guilherme Ehrhardt Soares, representante da Universidade; Capitão Manuel Pereira do Rio, Comandante Interino da Legião Portuguesa; Prof. Dr. Américo Ramalho, Director do Centro Universitário da Mocidade Portuguesa;

Dr. Joaquim de Sousa Machado, deputado e industrial;

Dr. Mário dos Santos Guerra, Reitor do Liceu D. João III;

Prof. José Maria Gaspar, Vogal da Junta Nacional de Educação, pela Escola do Magistério Primário de Coimbra;

Zacarias Marques Cadete, Adjunto da Direcção Escolar exercendo as funções de Director;

Abílio Lagoas, Presidente da União de Grémios de Lojistas de Coimbra;

D. Manuel de Almeida e Vasconcelos, Presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral;

Fernando Henrique Correia Mendes Ramos, Presidente do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório;

Dr. Agostinho de Brito Loureiro, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital e Presidente da Casa do Povo de Travanca de Lagos;

Dr. José Feio Soares de Azevedo, Delegado na Zona Centro dos Serviços Médico-Sociais — Federação das Caixas de Previdência;

Dr. Alvaro dos Santos Madeira, Director do «Diário de Coimbra».

O Plano de Formação Social e Corporativa no Distrito da Guarda

Realizou-se no passado dia 26 de Novembro a 1.ª Reunião da Comissão Distrital da Junta da Acção Social do Distrito da Guarda.

Presidiu a esta reunião o Presidente da referida Comissão, Snr. Dr. Arsénio Rodrigues da Silva, Delegado do I. N. T. P. na Guarda, que salientou a importância e o valor inestimável da colaboração pedida às diversas individualidades que fazem parte da citada Comissão, na campanha de divulgação corporativa e social que está a ser levada a efeito através do Plano de Formação Social e Corporativa.

Em seguida, usou da palavra Monseñhor Doutor Luís Mendes de Matos, representante do clero, que enalteceu o alto significado da missão a que todos os membros da Comissão, devotadamente, deram a sua adesão, tendo também feito justas e elogiosas referências à personalidade ilustre de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social.

As Louças de Barcelos

A sua História?

A bibliografia estrangeira da especialidade pouco se refere à Cerâmica Portuguesa e nada à de Barcelos — pelo menos a que tenho lido. A nacional:

EMANUEL RIBEIRO, nada nos diz sobre história.

ROCHA PEIXOTO, surpreende-nos, declarando que «Ninguém sabe explicar porque se chamam *Louças de Prado*, às olarias fabricadas no concelho de Barcelos!» e, acrescenta que «os nossos barros vermelhos são semilares aos das olarias lacustres da Suíça».

CHARLES LEPIERRE, é quem nos fala mais das louças de Barcelos, e, mesmo assim, no pouco que escreveu não inclui a sua história.

Alguns jornalistas e críticos desta Arte Popular se tem dela ocupado, porém, nada temos lido sobre a sua história.

Mas, o Padre Carvalho, na sua Corografia Portuguesa, em 1706, a Pág. 222, referindo-se à freguesia de Areias de S. Vicente, conforme cita o Dr. Teotónio Pereira da Fonseca, diz que «aqui se fazem os melhores quartos e púcaros de beber, que deste grosseiro barro na Província se obrão». Ora, se há 250 anos, Areias já gozava de tal fama, é porque esta Arte não estava no seu início, nem nas mãos de amadores ou curiosos; no dizer de Joaquim de Vasconcelos, é uma aptidão tradicional que se desenvolve insensivelmente quando encontra um meio favorável; é um trabalho milenário...

LUÍS CHAVES, diz-nos que nunca se saberá ao certo quando, nem quem iniciou a Cerâmica em Portugal.

Barcelos, necessita de um arqueólogo competente e paciente que rebusque em todos os arquivos de papéis velhos e nos ilucide. Entretanto, ainda hoje não vou além do que escrevi em 1933 para uma revista da especialidade que se publicou em Lisboa:

«A Cerâmica local data de tão longe que se perde na noite dos tempos. Trazida por alguém que não dispunha de meios, nem de materiais, nem de técnica, assim se conservou através dos tempos, transmitida de pais para filhos, sem nunca se desenvolver porque os processos adoptados no fabrico e a escassês deste nunca deram senão para a sustentação parca do fabricante. Isto explica também, em parte, o grande número de fábricas porque os pais sem poder dispensar os filhos e sem meios para os colocar melhor, ensinavam-lhes apenas este fabrico de loiça e estes ao emancipar-se montavam nova fábrica (quatro colunas sustentando um telhado toscos, duas rodas de oleiro e um forno)».

Creio na afirmação de Luís Chaves, mas que é milenária, diz-no-lo ainda hoje muitos dos seus primitivismos que nenhuma outra conserva como esta e dizem-no-lo os seus oleiros, ainda hoje com uma aptidão que nenhuns outros suplantam.

A nossa Cerâmica é, sem dúvida, das que possuem mais interessantes e curiosas manifestações de arte popular num tipismo cheio de beleza. Em sucessivos artigos examinaremos cada uma destas variedades de produtos, certos de que vamos apresentar ao leitor um trabalho simples mas inédito e útil aos colecionadores.

M.

Comissão Distrital da Junta da Acção Social do Plano de Formação Social e Corporativa no Distrito da Guarda

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, foi nomeada a Comissão para execução do Plano de Formação Social e Corporativa no distrito da Guarda, ao abrigo do estipulado na Base VIII da Lei 2.085.

Tem esta Comissão por objectivo executar, naquele distrito, as deliberações da Junta da Acção Social que está directamente ligada às actividades em curso e a desenvolver pelo Plano de Formação Social e Corporativa em todo o País.

Escusado será, portanto, salientar a importância e o elevado interesse que reveste a constituição e nomeação desta Comissão.

Desta Comissão fazem parte as seguintes individualidades:

Dr. Arsénio Rodrigues da Silva, Delegado do I. N. T. P.

Monsenhor Dr. Luís Mendes de Matos, representante da Hierarquia eclesial;

Dr. António Lopes Quadrado, Presidente da Câmara Municipal da Guarda, representante do Governo Civil e dos Presidentes das Câmaras Municipais do Distrito;

Albino Alves Matos, Director Escolar; José Lopes Aguiar, representante gremial do Comércio;

Dr. José Pereira da Silva, representante gremial da Lavoura;

José Guilherme Pessoa Pereira, representante gremial de Lanifícios;

António Adelino Carranca, representante sindical dos Empregados do Comércio;

Alvaro Dias Cipriano, representante sindical dos Lanifícios;

Manuel Pinto da Trindade, representante sindical dos Motoristas;

Heliodoro Lopes, representante sindical da Panificação;

Manuel Jesus Albergaria de Seixas, representante da Casa do Povo de Pinhel;

Dr. Fernando de Oliveira Calheiros, representante da Casa do Povo de Celorico;

Virgílio Afonso, representante da Imprensa.

O Plano de Formação Social e Corporativa no Distrito de Santarém

Realizou-se a 1.ª Reunião de Trabalhos da Comissão Distrital da Junta da Acção Social do Distrito de Santarém.

Nesta reunião a que presidiu na qualidade de Presidente, o Delegado do I. N. T. P. naquele distrito e em que tomaram parte os representantes do Clero, Governo Civil, Legião e Mocidade Portuguesa, ensino secundário e primário, Federações, Grémios e Sindicatos locais, imprensa e rádio, foram tratados diversos problemas relacionados com a execução, naquele distrito, do Plano de Formação Social e Corporativa que tem por objectivo difundir e fortalecer o espírito corporativo e a consciência dos deveres de cooperação social tendo, também, sido produzidas expressivas e justas referências à inestimável e patriótica obra de fortalecimento da política social e corporativa que está a ser levada a efeito por Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social.

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

DEPARTAMENTO INDUSTRIAL

Máquinas de costura industriais para todos os fins.

Os mais recentes e aperfeiçoados modelos de máquinas para confecções em malhas.

SEDE EM LISBOA: Av. 24 de Julho, 42

AGÊNCIA NO PORTO: Rua Sá da Bandeira, 268

ESCUTISMO

Por JAIME FERREIRA

DEPOIS de um interregno forçado, regressamos à nossa tarefa de informar a nossa meia dúzia de assíduos leitores sobre o que se tem passado no nosso meio e tratar de alguns assuntos intimamente ligados ao escutismo.

Principiamos hoje pelo

Noticiário

Convindo efectuar a separação, dado que as idades assim o exigem, foi instituída uma nova organização nos exploradores que constituem o Grupo XIII.

Assim foram divididos em juniores (dos 12 aos 14) e seniores (dos 14 aos 16 anos), os actuais exploradores.

Cremos que esta separação será bastante útil, especialmente no que se refere às actividades dos juniores que já não se sentem um tanto ou quanto inferiorizados, pela presença dos mais velhos em idade e até em altura. Para estes, foi igualmente benéfica esta divisão, pois os coloca em posição de maior responsabilidade não só quanto a sua posição de seniores como até no que se refere às suas actividades que são sensivelmente diferentes.

Prova de Revisão

Efectuou-se uma prova de revisão, destinada aos que já possuíam a 2.^a classe ou mesmo para aqueles que se dispunham a tirá-la, exercitando-se e prestando as provas que lhes faltavam. Foi uma manhã bem passada e que consistiu no seguinte:

Depois de todos terem assistido à missa na Matriz, dividiram-se os escutas presentes em 2 grupos. Uns ficaram junto da Casa dos Rapazes, os restantes foram para a sede, onde à hora prevista foi dado o sinal de partida. O percurso foi: Quinta dos Afonsos — Quinta do Bessa — Ponte de Ferro — Santa Eugénia — Cerca da Quinta da Torre — Areal de Barcelinhos (junto ao rio), para um grupo. O outro grupo seguiu um itinerário justamente oposto, pelo que se encontraram a meio do caminho.

Este itinerário foi sempre feito pelas margens do Rio Cávado.

Estavam postados em determinados locais, escuteiros examinadores que, à passagem dos examinandos, lhes faziam as perguntas constantes das provas respectivas, ou mandando-os fazer os exercícios previamente marcados.

O regresso fez-se pelas 13 horas com todos bem dispostos.

Raid de Observação

Os caminheiros efectuaram também num dos últimos domingos de Outubro um raid de observação e estudo à Carreira de Tiro. Foi uma jornada muito proveitosa, sendo de lamentar que tenham aparecido poucos elementos, embora o tempo não convidasse.

Outros raids estão preparados e cremos que com bastante proveito para os caminheiros, que

bastante necessidade têm de fazer vida de campo, explorando e procurando conhecer tudo o que se relaciona com esta salutar actividade, desde a orientação, topografia, conhecimentos das espécies zoológicas, mineiras, etc., etc.

Investidura

No passado dia 10 de Novembro e aproveitando a data recente da passagem de mais uma comemoração do dia do Beato Nuno Alvares Pereira — aproveitou o Núcleo para proceder à investidura de novos elementos, que já frequentavam as actividades e as reuniões, da Alcateia, do Grupo ou do Clan, de Barcelos.

Assim a Alcateia apresentou à investidura 5 novos lobitos que haviam já prestado as respectivas provas e que foram aprovados.

O Grupo apresentou também 5 novos exploradores que foram engrossar as patrulhas de juniores, dado que alguns haviam passado para seniores.

O Clan indicou vários caminheiros para a investidura, mas infelizmente só compareceram 5 elementos, que foram investidos na grande família do escutismo.

Foi celebrante o Rev. P.^e Alfredo Martins da Rocha, Prior de Barcelos, que no fim da missa, se prontificou a fazer a investidura aos escuteiros presentes.

Assistiram muitas famílias dos escuteiros presentes e respectivas madrinhas, o chefe de Núcleo Dr. Manuel Faria, a chefe da Alcateia D. Maria Olinda Afonseca Guimarães, o chefe do Clan Jaime Ferreira, que leram os respectivos compromissos aos exploradores lobitos e caminheiros.

Passagem de categoria

No decurso do mês de Setembro, deixaram o Grupo vários exploradores que, devido à sua idade tiveram de passar à categoria superior — o Clan. Assim 7 novos caminheiros entraram para o Clan e desta forma vieram aumentar o contingente activo deste departamento do Núcleo de Barcelos.

O que é a Investidura

Quando Baden Powell pretendeu elaborar o difícil projecto do Escutismo lançou mão do admirável livro de Kipling «A Jangal» que, quanto a nós bem merecia uma publicação em português pois pode considerar-se como uma obra de valor universal e de uma clareza e ternura incomparáveis.

O livro da «Jangal» está portanto na base da história do pequeno lobo, por quem a criança aprende a dar os primeiros passos na difícil floresta da vida e dos homens.

Quem souber ler ou descrever aos pequeninos a história de

MOWGLI, o menino lobo, pode crer que lhes mostrou algumas das páginas mais ingénuas e simultaneamente das mais sérias.

Um bom contador de histórias é sempre um bom educador de crianças. Veja-se a influência de um livro e mais ainda das suas ilustrações sobre a vida de uma criança; veja-se o poder que exerce sobre elas um filme de desenhos animados.

Por isso as histórias, as ilustrações, os grandes jogos, as representações cenográficas, as danças, as mil e umas actividades, inspiradas no livro da «Jangal», são todo o material pedagógico usado na educação dos Lobitos.

Quando o lobito deixa a Alcateia o mesmo é dizer que o Mowgli deixa a Jangal, pois tendo conquistado as suas estrelas e tendo dado provas suficientes de ter aprendido toda a lei da floresta (Jangal), deve servir-se mental, espiritual e fisicamente apto e capaz de acompanhar toda a actividade do escutismo, através das durezas da selva, e até de dirigir os lobinhos mais novos.

Como já completou os onze anos, surge a oportunidade de passar à Patrulha e mostrar ali tudo o que é capaz, pois vê a Natureza aparecer à sua frente e dentro dele mais forte, mais dura, mais difícil.

Conseguiu neste tempo que o Lobitismo abrisse a sua alma para a vida ao ar livre e ali aprendesse a expandir-se, a revelar-se, a descobrir as suas possibilidades totais.

A Patrulha, acompanhado o seu desenvolvimento mental, moral e fisiológico, oferece-lhe o segredo e a aventura da selva, no seu mais profundo mistério. A cerimónia da passagem de Lobito a Escuta deve ser de forma a impressionar fortemente o jovem candidato.

O Escuta profunda e seriamente católico, procura ir ainda mais além. A Lei, os Princípios e a Boa Acção vão-se tornando na mente do jovem como diferentes manifestações da mesma ideia e do mesmo dever, acompanhando-o ao longo da vida. Esta, que começou para ele como um jogo de actividades e prazeres, não tardará a revestir-se de aspectos mais sérios que lhe exigirão grandes renúncias e marcados sacrifícios.

Não se trata de criar apenas uma religião de formas e atitudes domingueiras, sem influência alguma no resto da vida.

A religião deve ser principalmente uma atitude da alma para com Deus e para com a vida no convívio com o próximo.

Será, assim, na vida do jovem, uma força de superior equilíbrio e harmonia entre todas as suas actividades e princípios, e, uma norma de proceder, apreciar e conduzir a vida, à base de princípios que procura esclarecer cada

vez melhor, conduzindo-se num ritmo simples e normal, original e interessante, mesmo até quando consegue subir grandemente no plano do sobrenatural.

A formação espiritual do Explorador não assenta tanto na discussão de grandes planos e esquemas doutrinais; mas sobretudo na realização prática de formas de vida espiritual. A religião será para ele luz e força, ensinando-o a dar a toda a vida um sentido divino e sobrenatural porque ajuda a aperfeiçoar nele, aquilo que todos devemos ser: imagens à semelhança de Deus.

A secção dos mais velhos é denominada na actual organização escutista por «Caminheirismo». Esta palavra «caminheiro» diz com mais justeza todo o sentido da mística ideal que envolve e define a terceira etapa do Escutismo.

Ser caminheiro depois de Lobito e Escuta, tem o significado de alguém que explorou a vida, como se explora a selva e pôde alfin definir, numa carta, a rota a seguir, por ele ou por outros, em futuras jornadas.

Ao chegar aos 16 ou 17 anos o jovem deixa de ver na vida um jogo, um prazer, um passatempo: mais alguma coisa desperta nele, de sério, de misterioso e exigente.

Nesta quadra da vida, só alcançará vitória para o futuro quem souber fabricar a sua personalidade, nas formas duras do dever. As circunstâncias críticas da sua existência ao virem até ele encontra-lo em guarda, de consciência sempre alerta, disposto a lutar para que a vida triunfe, na dor ou na glória, da mesma morte.

A mística do caminheiro tem, pois, por base uma estrutura de virilidade, não só física, mas principalmente espiritual.

Ser caminheiro é, portanto, saber definir a vida, por aquilo que ela tem de ser, peregrinação do homem, pelas durezas da terra, em direcção ao Céu e a Deus.

De: Caminho a Seguir

Que é feito do Cinema Português?

(Continuação da página 3)

xa, que exige devoção e sacrifício.

Se não temos possibilidades de realizar obras de fundo, retomemos o documentário, o filme curto, o ensaio, a experiência, como está o fazer Manuel de Oliveira com a aparelhagem de cinema a cores que adquiriu, à sua custa.

Só pelo trabalho se consegue, por fim, adquirir o domínio da técnica. E é para estes, para os que querem trabalhar e apreender — para os cineastes de futuro — que deve ir todo o auxílio, todo o estímulo e carinho.

De contrário, será repetir os erros do passado.

De Manuel Azevedo (À Margem do Cinema Nacional)

Publicações Recebidas

«Alminhas Portuguesas», de Padre Francisco de Babo e «Quando as aves fugiram do silêncio», poemas, de César Teixeira.

A ambas as obras nos pronunciaremos no próximo número. Entretanto publicamos o poema LAGO, de César Teixeira:

Tudo me nega e nada me consome
Porque o rio, seguindo, beija a margem;
No domínio da fome,
Fica apenas o rasto da passagem.

Aqui, nesta esperança do deserto,
O sol flutua sobre a água mansa,
E o céu fica perto
Da Terra, em que a pureza não se alcança.

Paisagem flutuante deste lago,
Sem maravilhas nem ostentação,
Aonde às vezes trago
A dor, por não caber no coração...

O Snr. Dr. Marcelo Caetano fala da Perseverança no Presente e Confiança no futuro

(Continuação do número anterior)

Quanto aos mercados externos há que contar com eles, há que procurá-los e há que persuadi-los de que os nossos produtos são capazes de sair triunfantes da prova da concorrência

E quanto aos mercados externos há que contar com eles, há que procurá-los e há que persuadi-los de que os nossos produtos são capazes de sair triunfantes da prova da concorrência. O que não podemos é ficar à espera de que venham os compradores ter connosco. Está aqui posta à prova mais uma vez a nossa capacidade de iniciativa, daquela iniciativa que eu comecei por louvar e exaltar como princípio e condição de todo o progresso industrial.

Meus Senhores:

Existe neste momento em Portugal uma inquietação que é fruto do desejo de ver acelerado o progresso económico do País e ao mesmo tempo distribuídos os seus frutos o mais irmãmente possível.

Esse desejo compartilhamo-lo todos. É do Governo, como das élites, como do povo. Ninguém nesta terra pode deixar de querer, e ardentemente, que a sua Pátria seja cada vez mais rica e que os portugueses sejam cada vez mais abastados.

O problema não é de objectivos, que nesses estamos todos de acordo: é de possibilidade e de processos de os atingir.

O progresso da Nação há-de ser obra de todos os seus filhos, nos campos, nos laboratórios, nas escolas e nas oficinas, nos mesteres humildes como nas funções de direcção.

Tenho insistido no que reputo uma verdade comestível: em que o progresso da Nação há-de ser obra de todos os seus filhos, nos campos, nos laboratórios, nas escolas e nas oficinas, nos mesteres humildes como nas funções de direcção. O Estado cria as condições para que se possa trabalhar; orienta, apoia, disciplina, mas não é taumaturgo que resolva milagrosamente as dificuldades e arranque tesouros do nada. O Estado é a expres-

são da nossa unidade, o escudo da nossa batalha no Mundo, o posto de comando da nossa acção: nada mais, e não é pouco. Ilusão perigosíssima, sobretudo, a que vê no Estado o dispensador arbitrário de toda a riqueza ou o regulador caprichoso de todos os valores.

Uma Nação só enriquece quando aumenta o seu património de bens produtivos ou consegue fazer crescer a sua produção de coisas e de serviços. E o dinheiro só vale na medida em que corresponde às necessidades da circulação dessa riqueza, de que é mero sinal e representação. Multiplicar a quantidade de moeda sem que a riqueza nacional o exija, é um erro e um perigo: alteram-se as expressões nominais dos valores, mas os valores em si permanecem o que são. Mudam-se as aparências, quantas vezes à custa de críticos desequilíbrios, sem com isso se ter tocado nas realidades.

É o aumento efectivo da riqueza nacional conseguido mediante a produção que precisamos de fazer com que seja empregado da melhor forma para os interesses da Comunidade. Há que reparti-lo de modo que uma parte continue a ser investida em novas actividades produtivas, criadoras de mais emprego para mais portugueses, enquanto outra reverta directamente para o consumo em melhoria da situação dos trabalhadores.

Para elevar em proporções apreciáveis o nível de vida de um povo é evidente que o progresso da produção tem de ser consideravelmente superior ao progresso da população

Não podemos esquecer a luta que temos travado para fazer face ao enorme aumento da população metropolitana. Pode dizer-se que muita da melhoria do produto nacional conseguida graças à acção de fomento dos últimos anos tem sido absorvida pelo incremento demográfico. Ora para elevar em proporções apreciáveis o nível de vida de um povo é evidente que o progresso da produção tem de ser consideravelmente superior ao progresso da população. Eis o que não é fácil num País de capitais escassos, de poucos técnicos e de iniciativa tímida. Mas não ser fácil não significa que seja impossível. Precisamos de consegui-lo. E havemos de o conseguir.

Para isso, porém, é indispensável que por um lado não percamos o espírito de

modéstia e de moderação, condição indispensável do trabalho contínuo e fecundo; e por outro que as dificuldades não nos façam esmorecer, tirando-nos a paciência e a perseverança para lutar até ao fim.

Somos de há muito atreitos a vagas periódicas de optimismo e de pessimismo colectivo. Tão depressa estamos eufóricos com a satisfação de nós próprios, como nos deixamos tomar de desânimo e de desespero.

Têm sido aliás mais frequentes na História Moderna de Portugal as crises de descoroamento do que os momentos de exaltação. Talvez porque a nossa feição intelectual tem irresistível pendor para a crítica, e vê mais depressa o que falta ou o que está mal do que louva a acção e os seus resultados benéficos.

Do Norte a Sul do País, e não só na Metrópole como Além-Mar, trabalha-se afinadamente, louvado Deus! Uma a uma vão sendo removidas as dificuldades; um a um vão sendo reunidos os factores básicos de uma economia moderna

Certo é, porém, que este momento da vida portuguesa justifica, não digo a satisfação (e nem julgo que seja estado de espírito desejável o que ela proporciona) mas a esperança. Do Norte a Sul do País, e não só na Metrópole como Além-Mar, trabalha-se afinadamente, louvado Deus! Uma a uma vão sendo removidas as dificuldades; um a um vão sendo reunidos os factores básicos de uma economia moderna. E quem como eu tem sentido o espírito novo que sopra de tantos sectores da actividade pública e da actividade privada; quem tem visto em acção as novas gerações de investigadores e de técnicos empolgados de entusiasmo construtivo; quem tem assistido à multiplicação dos produtos do trabalho português que esta casa justamente

OS CÓDICES DA BIBLIOTECA DE BRAGA

(Continuação da página 1)

quantidade de Mosteiros existentes na zona de Entre-Douro e Minho.

Ali se encontram documentos valiosos de Tibães, Falperra, Vilar de Frades, da Franqueira e de Palme de Barcelos.

Depois de termos visitado, por vezes, algumas dependências dessa surpreendente biblioteca de Braga, ficamos encantados pela maneira gentil e fidalga com que o Ex.^{mo} Senhor Dr. Egidio Guimarães nos atendeu.

O seu alto nível de cultura, o seu interesse natural por estes assuntos, radicou-se em mim de tal forma que, passados poucos minutos de convivência, nos encontrávamos já como dois verdadeiros amigos.

E assim vim encantado da Biblioteca de Braga que bem merece ser visitada, pelo valor das suas colecções e pela extraordinária afluência de leitores e estudiosos.

se destina a mostrar aos olhos dos que queiram ver, — não pode deixar de ter confiança no futuro, não pode deixar de ter fé no trabalho, não pode descer de Portugal e da vontade e capacidade dos portugueses!



O MUNDO PELA IMAGEM

RIO TAPAJÓS — BRASIL. — Um ninho de Garças